



FATAF
Faculdade de Tecnologia e Ciência do Alto Paraiba

CHRISTIANE PINTO ROSA
LUCIANA NASCIMENTO COSTA TROCCOLI

**O FEMININO E A MATERNIDADE:
SINGULARIDADE À LUZ DA PSICANÁLISE**

VITÓRIA

2023

CHRISTIANE PINTO ROSA
LUCIANA NASCIMENTO COSTA TROCCOLI

**O FEMININO E A MATERNIDADE: SINGULARIDADE À LUZ DA
PSICANÁLISE**

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado como requisito de aprovação
para obtenção do título de Especialista em
Psicanálise da Faculdade de Tecnologia e
Ciência do Alto Paranaíba – FATAP.

Orientador: Prof. Dr. Eduardo Baunilha

VITÓRIA

2023

RESUMO

Toda escolha é por vezes antes fantasiada. Com o desejo de ser mãe, não seria diferente. Em épocas remotas havia papel pré-determinado para as mulheres e o casamento e a maternidade eram alicerce. No mundo contemporâneo, com exigências da cultura vigente, avalanches de informações e direções possíveis a serem tomadas, mudanças de ideais, novas constituições familiares, padrões de beleza, as mulheres que desejam ser mães, acrescentarão uma função a mais em sua lida diária. Acrescido a isso, há mudanças físicas e psíquicas que esse período carrega, além da responsabilidade e das exigências pós nascimento do bebê, gerando expectativas e angústia. Este artigo pretende explicar a feminilidade e subjetividade frente a maternidade.

Palavras-chave: Maternidade. Feminilidade. Desejo. Subjetividade.

1 INTRODUÇÃO

Em época remota a mulher era criada para a família e maternidade. Com os protestos feministas, revolução industrial, advento de tecnologias e a avalanches de novas informações a mulher teve que enquadrar a função materna, quanto a desejo decidido, frente a todas as questões sociais e culturais vigentes.

Segundo a teoria de Freud (1933) a mulher alcança sua feminilidade quando por fim se torna mãe.

É sabido, que para a maioria das mulheres, a maternidade não preenche a satisfação do desejo da mulher, o qual entra em desacordo com a subjetividade feminina, havendo as vezes um desarranjo no campo da libido após período gestacional.

A maternidade é, portanto, a marca que não diz tudo, a mulher é não toda, inclusive não toda mãe.

Corroborando que todo o contexto envolvido na maternidade vai além da função, pois soma-se a isso ideais, superego individual e cultural, sentimento de culpa, mudanças físicas e psicológicas, por vezes transportando a mulher para outro contexto fora do esperado ao advento da função materna.

Ser mãe é um dos semblantes que se constrói do feminino, marcando positivamente ou negativamente a subjetividade e a singularidade do sujeito em função, pois o feminino muitas vezes não se deixa recobrir todo pela função materna, havendo uma dissociação entre a mãe e a mulher em algum momento desse percurso, gerando culpa e mal-estar.

Este artigo pretende desenvolver uma explanação com revisão bibliográfica sobre a feminilidade diante da maternidade.

Justifica-se uma abordagem da função materna avaliando o sujeito feminino no seu desejo, feminilidade, mal-estar e onde se situa a subjetividade e singularidade entre a função materna e o feminino.

2 MAL-ESTAR, CIVILIZAÇÃO E CULTURA

Muitas foram às mudanças nas últimas décadas, constituindo, portanto, uma postura diferente da mulher diante da civilização e cultura. O movimento feminista

afetou os papéis que eram exercidos pelas mulheres antigamente. A mulher deixou de ser vista, somente como filha, esposa ou mãe. Hoje ela exerce diversas funções que antes eram consideradas majoritariamente masculinas.

Vivemos hoje, a era da pós-modernidade capitalismo arrojado, mudanças muito rápidas de informações, num mundo globalizado de busca de prazer imediato. Somando a tudo isso incerteza e insegurança. Trazendo consigo a transformação dos ideais, que são o resultado das novas conquistas do ser humano. Interesses antigos dão lugar a novas necessidades.

O sujeito então busca satisfazer as necessidades internas e se adequar a cultura vigente, acarreta-se neste sentido uma busca por satisfação, em relação ao desejo e escolhas objetais. A mulher moderna que sustenta o desejo da maternidade, tenta se adequar aos novos paradigmas sociais.

O papel do sujeito feminino que antes era bem definido, se misturou às exigências do mundo moderno. É sabido que o Super-eu, de uma época, tem forte influência sobre as exigências psíquicas dos sujeitos.

De acordo com Freud (1930-1936, p. 117) o Super-eu da cultura, exatamente como o do indivíduo, instituí suas exigências ideais, gerando, caso não cumpridas, angústias de “consciência”. Sendo assim,

o Super-eu da cultura desenvolveu seus ideais e elevou suas exigências. Entre as últimas, as que concernem as relações dos seres humanos entre si são designadas por ética. Em todos os tempos as pessoas deram enorme valor a essa ética, como se dela esperassem realizações de particular importância. De fato, a ética se dedica ao ponto facilmente mais frágil de toda cultura. Ela há de ser vista então como tentativa terapêutica, como esforço de atingir, por um mandamento do Super-eu, o que antes não atingiu com outro labor cultural.

Como não se pode separar o sujeito na sua realidade psíquica, história familiar, desejos dos ideais da cultura, isso pode acarretar alguns desarranjos psíquicos, provocados pelo mal-estar frente a novas escolhas, não sendo, portanto, diferente na maternidade.

Certificando sobre o Super-eu cultural e as exigências frente a realidade psíquica de cada sujeito, Freud (1930-1936, p. 117) diz: “também este não se preocupa suficientemente com os fatos da constituição psíquica do ser humano, emite uma ordem e não se preocupa se é humanamente possível cumpri-la”.

Pode-se deduzir que atingir as exigências culturais, sem perder a subjetividade é humanamente impossível. Levanta-se a questão que todo o contexto do feminino pautado nas exigências interna e externas, frente a maternidade, gera um mal-estar relativo a aspectos dos ideais microssomo e macrossomo, entretanto, cabe a esse sujeito ter que, por meio da ponderação, elaborar as situações oriundas do seu entorno para minimizar as exigências de suas próprias expectativas, pois a maternidade como a vida humana nem sempre é um “mar de rosas”.

3 A FEMINILIDADE PARA FREUD

Segundo Freud (1933), a maternidade seria uma saída para a feminilidade, gerando satisfação e resposta edípica para a mulher, a qual restabeleceria seu narcisismo abalado diante a falta fálica do ser feminino.

Freud (1933, p.291), sustenta que:

Apenas a relação com o filho produz satisfação ilimitada na mãe; é a mais perfeita, mais livre de ambivalência de todas as relações humanas. A mãe pode transferir para o filho a ambição que teve de suprimir para si, pode esperar dele a satisfação de tudo que lhe ficou do seu complexo de masculinidade.

Como é sabido, no tempo de Freud, a mulher tinha outra constituição de tarefas e funções, sendo que ser mãe era a principal. Mas como os tempos mudaram, a mulher foi adquirindo autonomia em outros aspectos, fora da maternidade, onde a própria cultura faz suas exigências. Mas, mesmo naquela época, Freud já pensava a questão do feminino de maneira mais arguta.

Para o criador da Psicanálise, a feminilidade está longe de ser algo completo, mudando a visão frente ao que havia dito anteriormente: que o sujeito feminino tem algo além da sua função sexual de apenas gerar e cuidar dos filhos.

Freud (1933, p.293) salienta:

Mas não esqueçam que retratamos a mulher apenas na medida em que seu ser é determinado por sua função sexual. Tal influência vai muito longe, é verdade, mas não perdemos de vista que uma mulher também há de ser um indivíduo humano em outros aspectos.

Nota-se que Freud já avistava um horizonte incompleto para a feminilidade, não chegando a uma conclusão de fato do que é ser uma mulher. Deixando o feminino em aberto, para que a própria mulher se sustente na sua sexualidade, no sentido mais amplo frente a si mesma em consonância com a cultura; e, é esse impasse que se observa, pois, se a maternidade, principalmente na era moderna, não diz tudo da feminilidade, coloca-se, muitas vezes o sujeito feminino em angústia.

Freud (1933, p.293) nos deixa um recado incompleto sobre a feminilidade quando deixa escrito que

se quiserem saber mais sobre a feminilidade interroguem suas próprias vivências, ou dirijam-se aos escritores, ou esperem até que a ciência possa lhes dar informações mais profundas e coerentes.

Esses questionamentos evidenciam que há uma falta, no que tange a questão da maternidade ou sobre a mulher; havendo sobre a mulher alguma lacuna, sobretudo no encontro com a maternidade.

4 A ANGÚSTIA PARA FREUD

Freud, nas Conferências Introdutórias Sobre a Psicanálise (1915-1916), elabora um texto intitulado “A Ansiedade”.

Para Freud, a ansiedade é uma sensação ou afeto que em uma ou outra época todo sujeito experimenta a seu modo. Havendo uma ansiedade denominada realística em contraste com a ansiedade neurótica, sendo que a primeira e de percepção diante de um perigo externo, é relativa a algo previsível e esperado e ligada a pulsão de autopreservação.

A exemplo, Freud (1915-1916, p.395) nos alerta que:

podemos compreender muito bem como um selvagem tem medo de um canhão e fica temeroso de um eclipse do sol, ao passo que o homem branco, que sabe manejar a arma e pode prover o eclipse permanece sem ansiedade nessas circunstâncias.

Neste mesmo contexto percebe-se que há uma negação no discurso de Freud a respeito dos benefícios da ansiedade realística, pois a vantagem seria a avaliação da força da própria pessoa frente ao perigo externo e sua decisão de enfrentamento

ou fuga e não o estado de ansiedade. E continua: “nessa situação, contudo, não há lugar para a ansiedade; tudo o que acontece seria conseguido tão bem e provavelmente melhor se não tivesse surgido a ansiedade.” Não haveria vantagem do afeto ansioso mesmo frente a um perigo externo, pois assim minaria a ação do sujeito, inclusive de fuga.

Freud (1915-1916, p. 395), postula que

se a ansiedade for excessivamente grande, ela se revela inadequada no mais alto grau; paralisa toda a ação, inclusive, até mesmo a fuga. Em geral a reação ao perigo consiste numa mistura de afeto de ansiedade e de ação defensiva: um animal aterrorizado sente medo e foge; mas a parte adequada desse processo é a “fuga” e não o estar com medo.

Haveria, portanto, um estado de preparação para o perigo necessário como autodefesa, sendo este estado útil para a ação e reação, e não geração do estado ansioso, então o estado de preparação para a ansiedade, seria o elemento adequado e não a geração de ansiedade, dando ênfase ao estado e não ao afeto, ao preparo frente ao perigo e decisão a ser tomada e não a sensação antecipada ao perigo.

Freud, sustenta como “*angst*” (ansiedade) a um estado que não considera o objeto, e tem sentido especial, ou seja, a ênfase está no afeto produzido pelo perigo, não havendo qualquer estado de preparação para a ansiedade, restando uma proteção do medo pela ansiedade.

Ainda com Freud (1915-1916, p.396) podemos entender que

um afeto inclui em primeiro lugar determinadas inervações ou descargas motoras e, em segundo lugar, certos sentimentos; estes são de dois tipos: percepções das ações motoras que ocorreram e sensações diretas de prazer e desprazer que conforme dizemos dão ao afeto seu traço predominante.

O psicanalista austríaco (1915-1916, p. 397) diz que um afeto não seria algo tão simples e estaria ligado a repetição de experiências significativas na ancestralidade do sujeito e que um estado afetivo seria formado de maneira parecida a um ataque histérico: “um ataque histérico pode, assim, ser equiparado a um afeto individual recentemente formado, e um afeto normal pode ser comparado à expressão de uma histeria geral que se tornou herança.”

Freud acredita que o afeto da ansiedade estaria ligado ao ato do nascimento repetido os impulsos e descargas e sensações corporais, protótipo de um rigor mortal, sentido como estado de ansiedade.

Freud (1915-1916, p. 397) sustenta que

O enorme aumento de estimulação devido a interrupção da renovação do sangue (respiração interna), foi, na época, a causada experiência da ansiedade; a primeira ansiedade foi, assim, uma ansiedade tóxica. O substantivo '*Angst*' – '*angustiae*', '*Enge*' - acentua a característica de limitação da respiração que então se achava presente em consequência da situação real, e é, agora, quase invariavelmente recriada no afeto.

Pontuando que o primeiro afeto sentido pelo ser humano, ou seja, a primeira sensação angustiante, ou de estado ansioso seria referente ao ato do nascimento, inclusive pela separação da mãe.

Freud (1926, p.68) usa o termo angústia junto com inibição e sintoma. Cita que “a angústia é uma reação a uma situação de perigo; dela é poupado o Eu ao fazer algo para evitar a situação ou subtrair-se a ela.”

Acresce que Freud (1926) a angústia é algo sentido, ou seja, um estado afetivo e que seu caráter desprazeroso específico, junto a reações de descargas e percepções destas.

Freud (1926, p.73) continua:

A angústia, portanto, é um estado desprazeroso especial, com reações de descargas em trilhas específicas. Seguindo nossa concepção geral, acreditaremos que na base da angústia exista um aumento da excitação que, por um lado, gera o caráter desprazeroso e, por outro lado alivia-a com as descargas mencionadas.

E vai mais além quando cita os fatores relacionados a causa das neuroses, sendo um deles o biológico, relativo a longa fase de desamparo e dependência do bebê humano: “portanto o fator biológico dá origem as primeiras situações de perigo e cria a necessidade de ser amado, que jamais abandona o ser humano.

Ainda sobre a configuração da angústia, Freud (1926, p.114) relata que a mesma tem uma forte relação com a expectativa, sendo potencializada diante de algo indefinido, que quando encontrado é substituído pelo temor, tendo relação com o perigo e reações neuróticas.

A angústia é a original reação ao desamparo no trauma que depois é reproduzida na situação de perigo como sinal para ajuda. O Eu que viveu passivamente o trauma repete ativamente uma reprodução atenuada dele mesmo na esperança de poder ele próprio dirigir seu curso. Freud (1926, p.116).

Conclui-se, portanto, a priori que a angústia está intimamente ligada ao trauma do nascimento, das sensações fisiológicas, o fator biológico relacionado ao fato do desamparo do sujeito humano em total dependência dos cuidados e do amor de outros.

A maternidade psicologicamente já se inicia com um estado de ansiedade que posteriormente Freud intitulou como angústia.

5 A FUNÇÃO MATERNA

Já é sabido que as configurações dos grupos familiares vêm sofrendo transformação nas últimas décadas, novos significados de família, formação de novos valores, emancipação da mulher, tendo que conciliação a função da maternagem com as profissionais.

As características do grupo familiar e as projeções da ancestralidade, transmissão de valores e significados, estão diretamente ligados ao psiquismo dos seus membros, não sendo diferente para a mulher.

Como cada sujeito feminino vai reagir nesse encontro com o novo, da nova função, é um enigma, mesmo porque cada um tem sua história singular e escolhas desde a infância. Escolhas que estão intimamente ligadas a estruturação psíquica e com as relações humanas que influenciam nesse contexto abrangente e complexo, embora a cultura tente generalizar e simplificar.

Na época de Freud diante do patriarcado dominante a mulher era designada aos cuidados dos filhos e da casa.

É sabido que para a psicanálise essa função poderá ser exercida por qualquer sujeito que se habilite a tal papel. Não precisa ser a mulher que gerou a criança. No entanto, estamos trilhando o contexto do feminino e suas voltas com a maternidade e o que disso acarreta dentro do seu contexto histórico no advento da maternidade.

David Zimmerman (1999, p.104) quando cita Winnicott, sustenta que a mãe deveria preencher algumas condições de uma adequada maternagem, segundo este, de extrema importância no desenvolvimento psíquico do ser humano.

Dentre os requisitos, a mãe deve ser provedora das necessidades básicas do filho, do alimento ao agasalho, exercer a função de para-excitação dos estímulos do Ego imaturo da criança, e cita que “a mãe compreendendo e, na medida do possível, atendendo aos apelos do bebê, alivia-o das tensões insuportáveis que se expressam por um estado de excitação.”

A mãe suficientemente boa na concepção de Winnicott - segundo David Zimmerman, (1999, p.104) - deveria emprestar seu corpo ao bebê, numa posição temporária, até que este se sinta integrado, compreender a arcaica linguagem do recém nato e “uma das formas do bebê comunicar-se com a mãe é por meio do choro”.

David Zimmerman, (1999, p.105) assegura que segundo Winnicott:

Essa presença continuada da mãe que “entende e atende” essas necessidades básicas do bebê vai propiciar na criança um senso de continuidade, baseada na prazerosa sensação de que ela “continua a existir”.

Winnicott no descrever de David Zimmerman, (1999, p.105), observa que a mãe não deve estar presente o tempo todo, mas saber a hora de se ausentar, promovendo segundo ele a progressiva e necessária desilusão das ilusões. Neste momento aparece a palavra frustração, contudo, a mãe deveria saber se frustrar adequadamente, pois “as frustrações além de inevitáveis, também são indispensáveis ao crescimento emocional e cognitivo da criança.”

As frustrações podem ser adequadas, excessivas ou mal interpretadas, nos dois últimos casos, se excessivas ou mal interpretadas podem gerar as identificações projetivas como defesa as emoções intoleráveis.

Salientando tal assertiva, Zimmerman (1999, p.105) afirma que segundo Winnicott:

Além das necessidades básicas, com as respectivas angústias, a mãe também terá que ser continente dos desejos, demandas e ataques agressivos, do tipo da fase de teimosia e birra que acompanha aquela fase da criança sistematicamente dizer “não”.

Uma adequada maternagem inclui a empatia da mãe em decodificar a comunicação primitiva do bebê e ter capacidade de sobreviver aos ataques e demandas vorazes do filho sem um revide retaliador ou um estado de depressão e permitir a criança em alguns momentos devanear.

É a mãe suficientemente boa na visão de Winnicott, de acordo com David Zimerman, (1999, p.106) é a que dá nome e significados, com seu discurso, ao que ainda é desconhecido para a criança ou seja: “a mãe deve emprestar as suas “funções do ego” como a capacidade de perceber, pensar, juízo crítico, etc”.

Zimerman (1999, p.106) novamente se valendo de uma afirmação de Winnicott salienta que

é especialmente relevante a representação que a mãe tem do pai do seu filho, porquanto essa será a imagem que a criança terá de seu pai. Da mesma forma a visão que a mãe tem dos potenciais do seu filho tornam-se parte importante das representações que este terá de si próprio.

Relacionado com o recorte acima a mãe além de apresentar o pai para seu filho deverá promover uma gradual dessimbiotização e, assim, deixar o pai participar de seu desenvolvimento o que representará um triângulo edípico, promovendo a transição de um estado narcísico para um estado social, entrada da criança na cultura.

Segundo Winnicott, (1957), só quando o sujeito se torna adulto e eles próprios pais e mães que percebem a importância da função materna presente na estruturação psíquica.

Quando a função materna é exercida de acordo a um espelhamento pelo qual o sujeito vai se adentrar na cultura e ter autonomia e reconhecimento do outro, diz-se que a função foi suficientemente boa. Mas podem ocorrer falhas na maternagem, possibilitando a desestruturação psíquica do sujeito.

Winnicott (1965, p. 2013), salienta da importância da relação mãe bebê quando diz que

a psicanálise tende a mostrar que a base da saúde mental não é só hereditária, tão pouco se resume a uma questão de probabilidade; ela vai sendo ativamente estabelecida ao longo da primeira infância, quando a mãe é suficientemente boa em sua tarefa, e durante toda a infância que estiver sendo vivida numa família funcional.

A disfuncionalidade ocorre quando a mulher na sua função materna não promove o gradual e necessário desligamento para a emancipação do filho que se tornará um sujeito desejante, uma falha neste contexto será uma simbiose estendida, quando a mãe tem a criança como sua posse exclusiva, não permitindo a entrada de um terceiro (no caso o pai ou outrem que represente este papel), fazendo da criança seu complemento sexual e narcísico.

Na patogenia da função materna segundo Winnicott na descrição David Zimerman, (1999, p.108), a mãe que não se descola do corpo do filho nessa predominância narcísico- simbiótica, faz o que se chama “um corpo para dois”.

Providencias e frustrações inadequadas também estão envolvidas com a simbiose, pois gratificações muito rápidas estimulam a simbiose e quando lentas, geram protestos. As frustrações são indispensáveis, mas podem ser inadequadas e desestruturantes.

Quando as frustrações são escassas, pouca a capacidade da criança de pensar e achar soluções para os seus problemas e além disso, cria-se um vínculo simbiótico e a onipotência do princípio do prazer vigora.

Quando as frustrações são exageradas, geram na criança um sentimento de ódio intenso, acompanhada de uma ansiedade de aniquilamento.

E por fim as frustrações incoerentes geram um estado de confusão e instabilidade na criança.

David Zimerman (1999, p.106) conclui que:

Cabe equacionar a existência de três tipos principais de método patogênico de educação: a severidade excessiva, a indulgência excessiva e a incoerência das atitudes dos educadores, ou entre eles, pior que tudo, uma indiferença pela criança. No caso de uma exagerada indulgência por parte dos pais, uma provável consequência nas crianças será a formação de um superego de características muito severas e rígidas, porquanto ela própria terá que policiar suas ameaçadoras pulsões internas.

Outra função é a de conter no conceito Winnicottiano sustentado por David Zimerman (1999, p.109), que engloba a continência, mas há de se diferenciar de recipiente. A mãe recipiente, não passa de um depósito passivo, sendo representada e introjetada pela criança como uma figura muito frágil e desvalorizada, gerando na criança sentimentos culposos e rebaixando a valia da figura feminina.

O conceito de continência ocorre quando num processo ativo, a mãe acolhe as demandas da criança e as devolve desintoxicadas, significadas e nomeadas.

Outra função importante é a função especular, na qual ela se vê refletida e reconhecida pelo olhar da mãe. Tendo como base este dito, Zimerman (1999, p.106) relata que

neste contexto cresce muito a responsabilidade da mãe real, pois, sendo um espelho do seu filho, ela tanto pode refletir o que ele realmente é, ou, qual um espelho que distorce as imagens – o que lembra aqueles espelhos côncavos e convexos que aparecem em parque de diversão – a mãe pode refletir aquilo que ela própria é ou imagina ser.

O discurso entra como outra função materna. Sendo assim, Zimerman (1999, p.106) verifica três aspectos importantes no discurso materno que são as significações, predições e expectativas do ideal do ego e o duplo vínculo.

Sobre as significações, uma mãe pode atribuir ao discurso o que se apresenta no seu próprio mundo interno, entretanto, a mãe pode condenar, negar ou substituir de maneira não adequada as experiências do filho e os significados podem acompanhar a criança pelo resto da vida.

Uma mãe com características narcísicas doutrinará o filho a se ver segundo a sua visão, segundo seus desejos e expectativas. Sendo que também excluirá a figura do pai do campo afetivo da criança.

O duplo vínculo compreende a mensagens contraditórias que serão mal interpretadas pela criança, que pode se ver num estado de perdedora e desqualificada. Sendo assim, o uso do duplo vínculo visa uma dependência eternamente simbiótica.

Verifica-se, portanto, que cada sujeito, na sua singularidade, estrutura, histórica, familiar, cultural, a própria visão sobre a função materna. E que como qualquer práxis está sujeita a falhas.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este artigo objetivou fazer uma abordagem teórica sobre a função materna e a subjetividade da mulher frente a feminilidade.

Freud não chegou à definição do que queria uma mulher e sustentou até certo ponto, que a maternidade seria a saída para a feminilidade, mas também observou que a feminidade vai além do gerar filhos.

Para a psicanálise é sabido que ser mãe é função. E a mulher, na sociedade e cultura contemporâneas, ganhou espaços em outros setores, almejado além da atividade “do lar”, como era em época passadas.

Tudo que é novo pode gerar algum tipo de angústia, não sendo diferente com o processo entre gerar e cuidar dos filhos. A mulher moderna, em entremeio à cultura, é um sujeito singular. As exigências culturais de uma época, ou seja, o superego cultural, faz suas exigências e cabe ao sujeito feminino saber fazer perante suas próprias escolhas, sendo a maternidade uma delas.

Existem nas biografias os paramentos de uma boa e não boa maternagem, ficando a mulher a se incluir em seus anseios e inseguranças, do saber fazer com a maternidade e onde fica sua subjetividade e feminilidade em todo esse contexto.

Ser mãe é um dos semblantes que se constrói do feminino, marcando positivamente ou negativamente a subjetividade e a singularidade do sujeito em função, pois o feminino muitas vezes não se deixa recobrir todo pela função materna, havendo uma dissociação entre a mãe e a mulher em algum momento desse percurso, gerando culpa e mal-estar.

Para a psicanálise cada sujeito é responsável por suas escolhas e o sujeito feminino deve construir sua subjetividade frente a mesma.

A maternidade não diz tudo sobre a feminilidade e a feminilidade não diz tudo sobre a maternidade, cabendo ao sujeito feminino e desconstrução e construção da sua própria história.

7 REFERÊNCIAS

FREUD, Sigmund. **Conferências Introdutórias Sobre a Psicanálise: A Ansiedade (1916-1917)**. Rio de Janeiro: IMAGO, 1996.

FREUD, Sigmund. **O Mal-estar na Civilização (1930)**: São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

FREUD, Sigmund. **Novas Conferências Introdutórias à Psicanálise (1933): A Feminilidade**. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

FREUD, Sigmund. **Inibição Sintoma e Angústia (1926)**. São Paulo: Companhia das Letras, 2014.

WINICOTT, Donald W. (1896-1971). **Tudo começa em casa**. 2021. São Paulo: Ubu Editora, 2021.

ZIMERMAN, David E. **Fundamentos Psicanalíticos: Teoria Técnica e Clínica-Uma abordagem didática**. Porto Alegre: Artmed, 1999.